



NARRATIVA, ESCRITA E PRÁTICA DE LEITURA: A EXPERIÊNCIA DE ELABORAR CRÔNICAS

Aline de Fatima Marques
Universidade Federal de Jataí

Ubiratan Francisco de Oliveira
Universidade Federal do Norte do Tocantins

RESUMO

O presente artigo discorre sobre a relação entre a escrita, a narrativa e a prática de leitura. Este artigo teórico-conceitual examina os elementos que se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Inicialmente são abordados alguns aspectos da leitura e a sua relação com a escrita, como um meio de comunicação e expressão que permite o sujeito registrar e transmitir seu conhecimento e experiências. O texto apresenta a importância da escrita como ferramenta para estruturar e organizar o pensamento. Na sequência, são colocadas as considerações sobre a narrativa, segundo a obra de Benjamin (2012), "O narrador". Para Walter Benjamin (2012), o narrador conta sua vida, tradições e suas histórias para outras gerações, também chamado de viajante, pois quem viaja tem muito o que contar. Neste viés, quem escreve crônicas narra experiências de viagens reais e metafóricas. O texto finaliza com a experiência adquirida ao escrever crônicas a partir de sujeitos simples e invisibilizados pela sociedade.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Crônica, Narrativa.

NARRATIVE, WRITING AND READING PRACTICE: THE EXPERIENCE OF WRITING CHRONICLES

ABSTRACT

This article discusses the relationship between writing, narrative and reading practice. This theoretical-conceptual article examines the elements that intertwine and influence each other. Initially, some aspects of reading and its relationship with writing are addressed as a means of communication and expression that allows the subject to record and transmit their knowledge and experiences. The text presents

the importance of writing as a tool for structuring and organizing thought. Next, considerations about the narrative are presented, according to the work of Benjamin (2012), "The narrator". For Walter Benjamin (2012), the narrator tells his life, traditions and stories to other generations, also called a traveler, because those who travel have a lot to tell. In this sense, those who write chronicles narrate real and metaphorical travel experiences. The text ends with the experience gained when writing chronicles based on simple subjects made invisible by society.

Keywords: Reading, Writing, Chronicle, Narrative.

INTRODUÇÃO

A escrita é uma forma de expressão que permite a comunicação de ideias, pensamentos e emoções de maneira organizada. Dessa forma, a habilidade de escrever é essencial em diversas esferas da vida, desde a comunicação cotidiana até a produção de textos mais elaborados, como artigos acadêmicos, crônicas ou romances. Além disso, escrever auxilia a aprimorar a capacidade de argumentação, reflexão crítica e clareza de ideias.

No entanto, a escrita não pode ser dissociada da narrativa, pois é por meio dela que são construídas as histórias e envolvem-se os leitores. Mas, afinal, o que é narrativa? Pode-se dizer que narrar é deixar a mão deslizar sobre o papel, enquanto as palavras fluem na mente. A narrativa se faz presente num instante mágico e franco. Ela nasce na solidão, na multidão e no universo. Narrar é narrar o diverso; transformar o comum em extraordinário. É escrever com sutileza entre linhas tortas e sentidos profundos. É dar contornos a personagens; é envolver o leitor; fazê-lo sorrir e às vezes chorar. Narrar é mais que simplesmente contar uma história. É desvendar as complexidades da vida e mergulhar nas profundezas das palavras. Narrar é viajar e contar experiências.

Nesse viés, Benjamin (2013) considera a narrativa como um dos meios de comunicação em que a experiência está mais presente, através da transmissão de histórias narradas oralmente e das trocas de experiências entre narrador e ouvinte. Benjamin (2013) ressalta:

Mas quanta coisa não oferece a viagem ao leitor! Em que outra situação ele se entrega tanto à leitura, a ponto de poder sentir que o destino do seu herói se mistura com o seu? Não será o seu corpo a lançadeira do tear que perfura incansavelmente, ao ritmo das rodas, a urdidura, o livro do destino do seu herói? (Benjamin, 2013. p. 83.)

A relação entre o pensamento e a linguagem é um importante objeto de estudo de Vygotsky; neste caso, o estudioso delegou isto ser um papel fundamental. Vygotsky

(2003) diz que a linguagem é social, uma vez que é construída socialmente e que surge nos grupos para que os seres humanos possam se comunicar. Pois bem, a narrativa está associada ao pensamento, à linguagem e à escrita. Por meio da narrativa surgem as crônicas e os demais gêneros textuais.

O texto objetiva promover a reflexão sobre as práticas relacionadas à escrita criativa e estimular a reflexão e o aprimoramento da narrativa e prática de leitura por meio da experimentação e vivências literárias. Neste viés, a crônica é um gênero textual que permite o autor explorar diferentes temas, estilos e técnicas de escrita. Quando se trata de escrever crônicas é importante considerar a narrativa e a prática de leitura, pois esses elementos desempenham um papel fundamental na forma como a mensagem é transmitida ao leitor.

Diante disso, ao trabalhar com a escrita de crônicas é essencial ter em mente a importância de uma narrativa envolvente e cativante. Através de uma narrativa bem elaborada, o autor pode transportar o leitor para dentro da história, despertando emoções e gerando reflexões. A escolha das palavras, a construção das frases e a organização do texto são aspectos que contribuem para a qualidade da narrativa.

O texto faz a costura entre a narrativa, a escrita e a prática de leitura, viesadas com a perspectiva de narrativa por Benjamin (2012), em *O Narrador*. O artigo finaliza com o relato de experiência que a autora Marques (2022) adquiriu ao escrever crônicas apresentando duas de suas crônicas, *O caminho de Maria Sozinha* e *Pakato*, para testemunhar sua experiência. Os autores Rosivaldo Pereira de Almeida e Ubiratan Francisco de Oliveira contribuíram com a parte teórica e bibliográfica do texto.

Aspectos da leitura

Escrever bem exige desembaraço e desenvoltura. Em outras palavras, é colocar a alma no papel. Escrever também depende de um conteúdo armazenado no cérebro; com esse fim, é necessária uma prática de leitura e de escrita.

É sabido que grandes autores adquirem no decorrer da vida a prática constante de leitura e escrita, para isso existem mecanismos que ajudam a iniciar a prática de leitura, como obter um caderno e desenvolver a escrita através de anotações (Chaveiro, 2023, Informação verbal).¹

Portanto, o palestrante sugeriu também a escrita criativa e recomendou a prática de ler 20 páginas de livro por dia e escrever ao menos três linhas para criar um projeto de desenvoltura. Para escrever, são precisos um conteúdo consistente, método para usar a experiência e um conteúdo persistente. É percebido que o texto

criativo não é só um texto poético. Mas, para escrever bem, é necessária uma espécie de cinema gráfico; conseqüentemente, a escrita criativa fará boas frases. Ao começar a escrever, é recomendável escrever frases curtas para não elaborar um pensamento complexo e confuso, e sim produzir sentidos.

De tal modo, é perceptível que, em algumas sociedades, a escola é algo recente. A escola é uma forma de guardar saberes através da oralidade e da escrita. Contudo, vale refletir que, na cultura brasileira, ler e estudar é uma atividade recente, pois há 40 anos o número de analfabetos era significativo. Esta realidade influencia no interesse pela prática de leitura e de escrita dos estudantes contemporâneos.

Diante do exposto, como escrever bem? Existem estratégias para escrever um bom texto, tais como: fazer um plano organizacional; transmitir o conteúdo na escrita buscando autores de qualidade e ampliando o número e o nível de leitura. Ter disciplina para ler e escrever é fundamental nesse processo de aprendizado para criar repertório; conhecer as técnicas de componentes do texto; fazer um projeto com desenvoltura através de um bom vocabulário; e organizar as ideias e se concentrar na leitura.

A escrita também possui dimensões e elementos visíveis e invisíveis. O título pode ser criativo e deve ser o mais consistente possível. Nesse caso, a coesão forma um organismo da totalidade, e o contrário da coesão é a fragmentação, ou seja, a coesão precisa ter um fio, e a coerência é o sentido filosófico do texto. Há uma visão que forma o invisível e imagens que se juntam com a imaginação sobre o ponto de vista de estilo. Portanto, o que é um texto? O texto é um objeto histórico de sentido histórico, no qual todo texto que escrevemos é uma voz sobre outras vozes.

O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, de Walter Benjamin

Walter Benjamin aborda a figura do narrador em suas diferentes formas, especialmente relacionando-se à obra de Nikolai Leskov, um escritor russo do século XIX. Publicado originalmente em 1936, esse ensaio apresenta uma análise profunda do papel do narrador na sociedade moderna, valorizando a tradição oral e destacando a diminuição dessa figura nos tempos contemporâneos.

Benjamin (2012) propõe que o surgimento da cultura de massa e da modernidade leva à extinção gradual do narrador. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, de Walter Benjamin, é uma crítica filosófica sobre a natureza do narrador na modernidade. Benjamin (2012) toma como ponto de partida a obra do escritor russo Nikolai Leskov, notando sua capacidade de criar narrativas envolventes que expressam a experiência humana de uma forma única.

Uma das teses principais do ensaio é a ideia de que o advento da modernidade trouxe consigo uma transformação na arte da narrativa. Benjamin (2012) argumenta que, na era da reprodução técnica e do declínio das tradições orais, a narrativa perdeu sua autenticidade e a capacidade de transmitir experiências vividas diretamente. Nesse ensaio, o autor explora as transformações na arte de narrar na era moderna, especialmente com o advento da tecnologia, como a

reprodução mecânica e a ascensão da literatura de massa. Benjamin (2012) destaca Leskov como um dos últimos grandes narradores épicos. Leskov, um escritor russo do século XIX, é conhecido por suas histórias que muitas vezes incorporam elementos folclóricos e místicos. Em seu ensaio, o autor examina como Leskov mantém uma relação mais orgânica com a tradição oral e a vivência compartilhada das histórias.

Benjamin (2012) argumenta que o narrador tradicional, aquele que aprende suas histórias através da experiência direta e as compartilha oralmente, está desaparecendo na era moderna. Então, ele sugere que as transformações sociais e tecnológicas, como a urbanização e a ascensão da cultura de massa, desenvolvem-se para a perda da desvantagem e da profundidade nas narrativas.

No debatedor Leskov, Benjamin (2012) destaca a importância de uma ligação viva entre a narrativa e a experiência vivida. Ele vê nos contos de Leskov uma resistência à perda das desvantagens, uma vez que Leskov incorpora uma riqueza da experiência humana em suas histórias. Portanto, em *O narrador*, Benjamin (2012), não apenas discute a obra específica de Leskov, mas a utiliza como um exemplo para ilustrar seu argumento mais amplo sobre a mudança na natureza da narrativa e a perda da tradição narrativa autêntica na modernidade.

Benjamin (2012) apresenta uma análise crítica sobre a figura do narrador e sua importância na literatura. O autor explora questões que vão além da mera apreciação da obra de Leskov, levando em conta a contemporaneidade e conexões com outros exemplos e conhecimentos de mundo. Em seu argumento central, Benjamin (2012) destaca a decadência do narrador tradicional e a ascensão da Era da Informação como elementos que afetaram profundamente a forma como contamos histórias.

Benjamin (2012) observa que a tradição oral de contar histórias, que envolve uma conexão direta entre o narrador e seu público, está desaparecendo. Assim, ele sugere que a experiência da Primeira Guerra Mundial teve um papel significativo nesse declínio, pois as tecnologias modernas e a mudança na natureza da experiência humana salvaram as pessoas da tradição da narrativa oral. Ademais, ressalta a importância do narrador como alguém que vivencia as histórias que conta, incorporando profundidade à narrativa. Ele compara a perda desse tipo de narrador com a perda das perdas na experiência contemporânea, onde a técnica de reprodução e a disseminação de informações influenciam a forma como as histórias são percebidas.

Além disso, Benjamin (2012) destacou a diferença entre a narrativa escrita e a oral, enfatizando que o texto escrito é mais suscetível à reprodução mecânica e à perda de conexão viva entre o narrador e o público. Ele argumenta que a tradição oral possui uma qualidade única de transmitir a experiência vívida, enquanto a escrita tende a objetivar e distanciar a narrativa. Em resumo, Benjamin (2012) salienta a transformação na natureza da narração de histórias, especialmente com o advento da modernidade e as mudanças sociais e tecnológicas, enfatizando a perda da transmissão e da conexão viva entre o narrador e o ouvinte.

Uma referência a Leskov é feita no contexto do ensaio de Benjamin (2012) sobre as mudanças na arte de narrar na modernidade. O autor analisa como a experiência de contar histórias mudou ao longo do tempo, especialmente devido a fatores como a urbanização, a tecnologia e as mudanças sociais. O cerne do ensaio de Benjamin é uma reflexão sobre a transformação da arte de narrar ao longo do tempo, especialmente nas condições modernas.

A discussão de Benjamin (2012) vai além de uma análise literária específica e se estende a uma reflexão mais ampla sobre as mudanças na sociedade, na cultura e na forma como contamos e compartilhamos histórias. Walter Benjamin, em seu ensaio *O narrador*, dedica parte de sua análise à obra de Nikolai Leskov, um escritor russo do século XIX. O cerne da abordagem de Benjamin sobre Leskov é a ideia de que Leskov representa um dos últimos grandes narradores épicos, ligados à tradição oral e à vivência compartilhada das histórias.

Walter Benjamin, na obra, aborda a transformação da narrativa e a perda de sua importância com o surgimento do modo de vida burguês. Em suma, a dimensão ontológica da narrativa, nesse contexto, refere-se à sua natureza fundamental e à sua essência existencial. Benjamin (2012) está interessado não apenas na estrutura formal da narrativa, mas também em sua função e significado para a experiência. Com a ascensão da sociedade burguesa, Benjamin (2012) argumenta que a experiência humana se tornou fragmentada, individualizada e distante das raízes coletivas. A cultura burguesa, marcada pela racionalização e pela busca do lucro, contribui para a perda da tradição oral e para a substituição da experiência autêntica por uma experiência mais superficial e desvinculada.

Walter Benjamin, em suas obras, frequentemente aborda a narrativa em termos ontológicos, isto é, relacionado à natureza do ser e da existência. Ele estava interessado na capacidade única de narrativa de transmissão de experiência, de criação de significado e conexões entre os eventos da vida. Uma narrativa, para Benjamin (2012), não é apenas uma forma de comunicação, mas uma maneira essencial de entender e dar sentido à existência.

Teses e Argumentos Centrais (Gerais) de Walter Benjamin

Benjamin, em várias de suas obras, destaca a importância da experiência única e autêntica, que ele via como sendo atrofiada pelo avanço da modernidade. Ele argumenta que a técnica de reprodução (como na fotografia e no cinema) e a crescente influência da cultura de massa levam a uma perda nas vantagens da experiência, incluindo a experiência narrativa. A tradição oral, que era uma forma de transmissão viva e autêntica da narrativa, é renovada por formas mais mecânicas e desvinculadas.

Walter Benjamin explora a ideia da perda da importância da narrativa com a ascensão da vida burguesa em *O narrador*. A dimensão ontológica da narrativa, segundo Benjamin (2012), está profundamente ligada à experiência e à transmissão oral de histórias.

Dimensão Ontológica da Narrativa:

- *Experiência e Vivência:* Para Benjamin, uma narrativa autêntica é enraizada na experiência humana, na vivência concreta. O ato de narrar é uma expressão direta da relação do narrador com o mundo ao seu redor.
- *Tempo Vivido:* Benjamin destaca que o narrador tradicional é alguém que viveu as histórias que conta, incorporando o tempo vivido nas narrativas. Isso confere uma coincidência única às histórias.

Perda de Importância com a Ascensão do Modo de Vida Burguês

- *Fragmentação da Experiência:* A industrialização, a urbanização e a tecnologia alteraram a maneira como as pessoas vivem e experimentam o mundo.
- *Perda do Tempo Vivido:* A vida moderna, marcada pela rapidez e pela busca incessante pelo novo, resulta na perda do sentido do tempo vivido. Uma narrativa tradicional, que se baseia na profundidade e na riqueza da experiência, perde espaço para formas mais rápidas e superficiais de comunicação.

Teses e Argumentos Centrais:

- A ascensão do modo de vida burguês e a conseqüente perda das modificações na experiência humana levam à decadência da narrativa tradicional.
- A sociedade moderna valoriza a informação rápida e eficiente em detrimento da profundidade da experiência.
- A fragmentação do tempo e a perda da conexão direta com as experiências levam à perda das perdas na narrativa.
- O narrador tradicional, que compartilha histórias com base em vivências pessoais, torna-se uma figura em desuso na era burguesa.

Em síntese, a tese de Benjamin (2012) destaca a transformação da natureza da narrativa em um mundo em rápida evolução, no qual a profundidade da experiência e a conexão direta com o passado estão em declínio. A dimensão ontológica da narrativa em Benjamin (2012) geralmente está relacionada à forma como a experiência humana é transmitida e compreendida através das histórias. A narrativa, para Benjamin, não é apenas um meio de contar acontecimentos, mas uma maneira fundamental de dar significado à existência. Com a ascensão do modo de vida burguês, Benjamin (2012) argumenta que houve uma perda dessa narrativa. Os argumentos centrais do texto revisado, provavelmente, exploraram como essa mudança na forma de vida influenciou a arte de narrar e como a perda dessas lesões afetou a compreensão da experiência humana. Além disso, Benjamin discute como a narrativa é mais do que apenas uma forma de entretenimento; é uma parte fundamental da compreensão e preservação da cultura e da identidade.

Experiência narrativa com crônicas

Há cinco anos, um grupo denominado Multiplicadores de Vigilância Sanitária, da Fiocruz-RJ, juntando-se a um conjunto de trabalhos, intervenções e cursos, criou um *blog* denominado *Coluna Opinião*. Com liberdade de expressão, mas vinculado a uma leitura crítica da saúde por diferentes campos do conhecimento e estilos narrativos, mais de 200 cronistas diariamente, excetuando feriados, sábados e domingos, produzem crônicas. Mediante a parceria e a irmandade do grupo Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira) – CNPq, e o grupo Multiplicadores de Visat, comecei a escrever as crônicas. Inicialmente, me interessei em ser leitora de crônicas produzidas pelos autores, dando continuidade ao exercício que fazia de ler esse gênero literário antes mesmo da existência da *Coluna Opinião*.

Logo, senti numa certa oportunidade a vontade de participar, uma vez que essa minha vontade estava se movendo à minha mente. De alguma forma, eu escrevia crônicas mentalmente. Um dia me encorajei e escrevi a primeira. Desde então, estabeleci um contato com a direção do *blog*, que logo aceitou a minha participação como cronista. Eu teria como escritora de crônicas de, a partir da liberdade desse gênero narrativo, expor situações e eventos que estivessem à altura da minha sensibilidade, da minha percepção e da minha visão de mundo. Foi aí que comecei a narrar a vida de sujeitos unindo uma visada, memorial com uma visada ficcional de pessoas invisibilizadas do interior de Goiás. Para testemunhar essa experiência narrativa e a força da narrativa, vou lhes apresentar duas crônicas: *O caminho de Maria Sozinha* e *Pakato* (Marques, 2022).

O caminho de Maria Sozinha

Numa das tardes de domingo reservada à visita ao pai, sentei-me na sala habitada quase sempre por uma luz pálida e mortiça. Tomávamos o habitual café enquanto ele comentava o misterioso caso de Maria. Tão sozinha que lhe deram o apelido "Maria Sozinha". Na medida em que ele falava, o meu pensamento flanava nas palavras de Terêncio (Dramaturgo da Antiguidade): "nada do que é humano me é estranho". O fato é que toda realidade humana, por mais estranha que pareça, é feita por nós numa complexa teia de relações chamada história. Na abertura estreita da janela da sala da casa de meu pai, um fiapo de luz iluminava seu rosto enquanto recontava a história da Maria Sozinha. O semblante estampado pelo cansaço da lida e o olhar descaído e distante se juntavam à narrativa das experiências no campo até chegar às lembranças de Maria, uma conhecida distante, sem vínculo com ele. Após 30 anos de seu desaparecimento, não houve nenhuma resposta ao fato ocorrido com a conhecida "Maria Sozinha", mulher trabalhadora, camponesa, natural de Mossâmedes-GO. Ela subiu à Serra Dourada (Goiás) com a irmã para colher pequi. No dia em que desapareceu, carregava consigo um bernal, dentro dele uma marmita com o almoço do dia. Aquele deveria ser um dia de diversão. Um dia feliz com a irmã, de causos e sorrisos. Colher pequi no campo é uma atividade prazerosa na região, quase um esporte. Um evento. Quem poderia imaginar o que aconteceria horas depois? Ainda hoje se perguntam:

o que aconteceu com Maria Sozinha? Surgem diversas indagações, mas nenhuma resposta concreta. Onde anda Maria Sozinha? Onde...??? Num curto espaço de tempo, enquanto a irmã de costas colhia pequi caído no chão, Maria desapareceu. A irmã voltou-se, mas encontrou somente o saco de pequi intacto no chão. Não havia sequer vestígios de seu corpo, nem mesmo o chinelo gasto pelo uso e pelo tempo, nem uma peça de roupa, nem o cheiro conhecido provocado pela convivência amorosa. Nada. Na boca pequena desenvolviam-se mirabolantes comentários sobre o sumiço de Maria Sozinha. Alguns diziam que ela foi abduzida por extraterrestre; outros diziam que ela era uma figura sobrenatural e que foi visitar o céu com retorno marcado para 100 anos a seguir; houve quem dissesse que no encalço de Cora Coralina fugiu com um sedutor, quem sabe um garimpeiro; ou, transformada em uma santa padroeira da Serra Dourada, santa da pedra ou do pequi, logo apareceria em milagres, luzes e sinais. Há suposições de que adormeceu em uma caverna desconhecida ou caiu em uma fresta e foi soterrada pela enxurrada e resíduos do solo. Na noite do sumiço de Maria Sozinha choveu muito. Quem sabe ela se transmutou em chuva – indagaram! Disseram também que foi morar numa aldeia indígena, ou que foi devorada por uma onça feroz. Houve ainda quem dissesse que caiu no Cafundó, pequena barragem que abastece de água o município. Maria Sozinha onde você está? – replicava com dor a irmã. Naquele momento Maria Sozinha parecia não estar mais sozinha, todos procuravam por ela. A sua ausência corporal gerou uma presença coletiva na comunidade, uma presença de imagens mirabolantes. A irmã desesperada gritava seu nome, curiosos se aproximavam perplexos. Grupos de pessoas, tanto da cidade de Mossamedes-GO quanto da cidade de Goiás-GO, se comoveram, se mobilizaram e se uniram à sua procura. Os funcionários municipais, corpo de bombeiros, policiais militares e garimpeiros saíram em missão de encontrá-la. A busca da mulher misteriosamente desaparecida havia vários dias por toda a Serra Dourada, sem obter sucesso, foi o enredo dramático daquele povo e daquele lugar. Mulher simples, experiente, privada de luxo e de vaidade era conhecida por todo o município. Andava a pé pela cidade, na maioria das vezes sozinha conversando consigo mesma; cumprimentava a todos com um sorriso humilde; era mãe e avó. Criou o neto como se fosse um filho. Maria Sozinha deixou saudade, fez sua história. Ficaram a lamentável interrogação e o signo literário em forma de causo. Esse fato me leva a refletir sobre a quantidade de casos de desaparecimento que acontecem por ano no Brasil e no mundo. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, divulgado no mês de julho, o número de pessoas desaparecidas no Brasil no ano passado foi de 62.587. Segundo o Jornal da USP (2021), cerca de 63.000 pessoas desapareceram no último ano no Brasil. “O desaparecimento de pessoas é um problema coletivo, gera ambiguidade e desgasta a saúde física e mental de familiares que buscam entes desaparecidos.” O número é extremamente preocupante. Há de se considerar os transtornos gerados pelo desaparecimento de uma pessoa, o sofrimento dos familiares com esta dolorosa condição, além de demandar necessidades específicas durante o processo de busca pelo ente desaparecido, como ilustrado nos relatos das mães da ONG Mães da Sé (veja). Durante o regime da Ditadura Militar Brasileira (entre 1964 e 1985) houve um crítico nível de desaparecimento político e de mortes.

A Ditadura deixou, segundo dados dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade-CNV (veja), em torno de 434 mortos e desaparecidos; torturava presos políticos com choques e pau-de-arara; censurou a arte e a imprensa. Para o regime militar, desaparecer com as pessoas era um rito macabro com duplo objetivo: gerar o extermínio da pessoa e adoecer psicologicamente os parentes. Os desaparecimentos de militantes, camponeses, mulheres, artistas e trabalhadores, durante o período da Ditadura Militar Brasileira e o sumiço de Maria Sozinha na Serra Dourada – conforme sublinhou Terêncio –, sendo humanos, não são tão estranhos. Contudo, nos deixam perplexos. A perplexidade é necessária como alimento da indignação (Marques, 2022).

PAKATO

No ano de 2008, quando trabalhei numa agência bancária na cidade de Mossâmedes-GO, interior de Goiás, conheci um sujeito de meia-idade. Ele se apresentava simples, gentil e com jeito pacato. Ninguém sabia e ainda não sabe nada a seu respeito. O que se sabe até o momento é que ele andarihou por diversos lugares antes de fixar-se em Mossâmedes-GO. Pakato é um homem de baixa estatura, não mais que 1,55 m de altura. Um pouco magro. Seus cabelos negros, lisos e volumosos brilham como a cor de seus olhos, que parecem duas jabuticabas robustas. Sua pele é clara, sem marcas do sol. Anda levemente encurvado olhando o chão com a curiosidade inocente de uma criança. Eleva, com frequência, o olhar de baixo para cima, de um lado para o outro. Parece que quer escapar das circunstâncias, do lugar, do mundo. Os seus movimentos são lentos como se fossem calculados; anda com passos arrastados e com olhar profundo e interrogativo de um viajante. Pakato é um viajante. Os moradores da cidade, com fama de acolhedores, receberam-no com respeito, deram-lhe abrigo, comida, roupas limpas e salário. A Assistência Social Municipal assumiu a responsabilidade pelo seu bem-estar. Ninguém sabe nada sobre a sua origem. Não sabe se ele tem família e quem são seus familiares. A população mossamedina lhe nomeou “Pakato”. O seu jeito tranquilo, paciente e pacífico, a bondade estampada nos gestos, a total aversão a qualquer moda, estilo ou maneira burocrática e narcísica fundamentaram a criação coletiva de sua designação: Pakato. Todos gostavam de sua pessoa e de sua presença. Todos os dias quando eu chegava na agência para trabalhar, lá estava o Pakato a me esperar. Educado, prestativo, de banho tomado, penteado, cheiroso e uniformizado, a sua aparição era um sinal do meu despertamento no dia; de meu pertencimento humano e de minha vontade de amar. Pakato era, simbolicamente, um dos guardas do Banco. Seu uniforme era verde-camuflado ao modo da indumentária do exército. Como e onde conseguiu o uniforme, não se sabe. Ele sempre aparecia com o uniforme muito limpinho. Comportava-se com elegância. Antes de chegar ao prédio da agência bancária, fazia plantões todos os dias na porta da “cadeia” (termo usado naquela época), como se fosse um dos policiais que ali trabalhavam. Ele tinha livre acesso e bom relacionamento tanto com os policiais quanto com os presidiários. Pakato conquistou a confiança de todos, ao ponto de

substituir dentro da cadeia (atualmente é um presídio) os policiais em caso de ocorrências urgentes. A cadeia de Mossâmedes-GO apresentava características de prisões de filmes de faroeste. Pakato não faltava um dia sequer de trabalho, se dedicava com amor para compensar os cuidados que recebia da população. Se apresentava solícito e com sorriso pacificador no rosto. Pakato não falava, somente balbuciava, pois possuía deficiência na fala. Ele construiu seus próprios códigos e sinais de comunicação, não os sinais de Libras, mas seus próprios. Inventou um alfabeto gestual compreendido coletivamente na cidade, compreensão, aliás, não verbalizada. As pessoas o compreendiam e compreendendo-o bastava. Tive curiosidades no decorrer do tempo sobre o Pakato: Onde nasceu? Quem são seus pais? Tem filhos? Já se casou? Foi militar algum dia? Quais são seus traumas? Será que perdeu a memória? Por que não fala? Pode ser um espião? Está fugindo de alguém? Como foi parar em Mossâmedes-GO? Depois de algum tempo de trabalho, pedi contas na agência bancária para trabalhar em outros postos laborais. Recentemente, passeando pela mesma cidade, por acaso vi o Pakato sentado na porta de uma casa lotérica. Parei, cumprimentei-o e vi em seus olhos a alegria ao me rever. Fez-me várias perguntas com gestos, respondi algumas. Por coincidência, ao ir embora ouvi a música “Pakato Cidadão” (Samuel Rosa e Chico Amaral). Lembrei-me novamente do Pakato. Ele não vota. Lamentei pelo Pakato não poder exercer o seu direito de votar. Ele não se opõe a isso, aceita a vida do jeito que se estabelece. Pois bem! A atual situação política do país parece não incomodar o Pakato e também uma considerável parte dos brasileiros que se comporta indiferentemente, especialmente os que fecham os olhos às ações fascistas e partidárias do governo Bolsonaro. Pus-me a pensar sobre as pessoas de jeito apático, indiferentes à luta de classes e ignorantes às questões políticas, sobre os pacatos cidadãos brasileiros que, inebriados, alienados, rendidos, fecham os olhos ao crescimento do fascismo no Brasil. Projeto que se desenha desde 2012, seguindo orientação da extrema direita no mundo. Os cidadãos brasileiros que vivem de jeito apático, sem questionar e sem reclamar, ignoram os assuntos sociais e políticos, como se fossem restritos somente aos governantes. Pior que isso: se unem aos nefastos fascistas usando a mesma frase nazifascista: “Deus, pátria e família”, lema e discurso de Hitler (Partido Nazista, Alemanha, 1933), também eleito pelo povo. Pakato não vota. Está aí distribuindo gestos afáveis, lutando pela vida, doando seu tempo aos que dele se aproximam conforme os desígnios de sua cabeça, de sua emoção e de seu corpo. Possui uma honestidade vital. Toma partido da bondade, inspiração para todos que não querem a maldade dos ditadores, dos fascistas, dos nazistas e dos que, com sarcasmo e sadismo, gozam os pobres, os negros, os povos indígenas e todos que apenas querem viver com dignidade, com simplicidade, com discrição, como Pakato.

As crônicas *O caminho de Maria Sozinha* e *Pakato* têm em comum o estilo textual. Elas foram narradas no mesmo contexto, o qual resgata personagens que são sujeitos invisibilizados pela sociedade e contam uma história incluindo tempo, espaço, detalhes e características dos personagens envolvidos. A crônica *O caminho de Maria Sozinha* narra o acontecimento do sumiço de Maria Sozinha ao subir os morros da Serra Dourada a colher pequi, juntamente com sua irmã. Essa é uma

história real narrada por populares no município de Mossâmedes-GO. Maria Sozinha foi uma mulher simples, de meia-idade, pobre e invisibilizada, que desapareceu há mais de 30 anos na Serra Dourada e nunca foi encontrada até os dias atuais. Além do mais, a crônica também faz crítica ao desaparecimento de pessoas que foram exterminadas e desaparecidas durante a Ditadura Militar Brasileira. A crônica *Pakato* narra um sujeito invisibilizado, com deficiência na fala, simples, pobre, abandonado pela família, que aparece como andarilho no município de Mossâmedes-GO e se estabelece no local recebendo o carinho e cuidado da comunidade mossamedina. E, no final, a crônica faz crítica à política e à prática dos direitos de cidadania.

Ao aderir à prática de narrar crônicas, aprendi a refletir e a observar o mundo e o sujeito que se coloca no mundo. Passei a ter mais atenção às situações que ocorrem na cidade, à minha própria memória, aos entes familiares e à vida que ocorre nas cidades do interior de Goiás, como também aprendi a explorar e questionar as pautas sociais; aprendi a adquirir e a produzir conhecimento a cada narrativa, ao passo que a escrita dos textos exige pesquisa e estudo sobre o tema. Cada crônica significa a oportunidade de compartilhar minha leitura de mundo. As crônicas são uma forma de levar a narrativa até às pessoas de forma leve e interessante.

Comecei a escrever e a publicar as crônicas no ano de 2021, no *blog* Multiplicadores de Visat, Fiocruz-RJ. A partir daí, percebi nas comunidades do município de Mossâmedes-GO e Sanclerlândia-GO o interesse de ler os textos. Por certo, notei que o interesse partia do fato de que as crônicas davam visibilidade a sujeitos simples locais, com uma leitura poética e olhar humano e sensível àquele sujeito em destaque. Os leitores dessas comunidades também se interessaram pela memória criada de pessoas que já não vivem mais, mas que tiveram alguma notoriedade em algum momento da vida.

As crônicas começaram a mobilizar leitores de todas as idades, instituições e campos do conhecimento, especialmente por se identificarem com as histórias narradas e por conhecerem os sujeitos narrados. Os leitores incluem, entre diversas categorias, alunos, professores, funcionários municipais, autoridades municipais, amigos, vizinhos, integrantes de grupos de estudos e grupos de WhatsApp. Recebo com frequência a pergunta: “Quem será a próxima personagem da crônica?”

Neste viés, é notável que as crônicas geram impactos nos leitores da cidade. Esses leitores fazem comentários satisfatórios sobre a leitura realizada das narrativas. Logo, as pessoas passam a reconhecer os textos e o estilo textual das crônicas. Pessoas simples reabilitam a memória coletiva da cidade e passam a olhar com sensibilidade os textos e os sujeitos narrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo discute a escrita, narrativa e prática de leitura em relação à obra de Nicolau e Leskov, de Walter Benjamin. Fica evidente a importância desses elementos na

construção e entendimento das obras literárias. A obra de Benjamin, intitulada *O narrador*, nos oferece uma visão profunda e significativa sobre o papel do narrador na sociedade atual, bem como a relevância da escrita e da prática de leitura na formação de pensamentos críticos. Uma das principais conclusões que podemos tirar dessa análise é que a escrita, a narrativa e a prática de leitura são elementos interdependentes e conectados. Logo, a escrita não pode existir sem um narrador que a conduza, nem a prática de leitura pode existir sem um texto e uma narrativa a serem absorvidos.

O escritor precisa de prática de leitura, prática de escrita e de narrativa para escrever um bom texto. Para narrar e escrever crônicas é preciso mergulhar na essência da vida cotidiana, observando detalhes sutis e momentos aparentemente insignificantes. É necessário aprender a enxergar a beleza no comum, a poesia no trivial. Uma crônica requer sensibilidade aguçada e empatia para captar complexidades humanas dos conflitos internos e das interações sociais. É preciso estar atento ao ritmo cadenciado da existência, às nuances das relações interpessoais e aos pequenos dramas que permeiam o dia a dia. Além disso, a narrativa crônica exige uma ponte entre o pessoal e o universal, uma capacidade de transformar experiências individuais em reflexões. Escrever exige estilo textual, prática de leitura e narrativa.

Enquanto a narrativa busca uma estrutura mais elaborada e uma trama envolvente, a crônica, em sua efemeridade, captura momentos fugazes da vida cotidiana. A crônica, ao romper com a linearidade da narrativa, oferece uma perspectiva única ao revelar a essência do instante, proporcionando uma experiência mais próxima da realidade vivida.

Dessa forma, a análise da interseção entre narrativa, escrita e prática de leitura no contexto da experiência de escrever crônicas revela uma dinâmica, enquanto forma literária, desafia as convenções narrativas tradicionais, convida os escritores a explorar a efemeridade dos momentos cotidianos. Ademais, a prática de leitura das crônicas não apenas amplia a compreensão individual, mas também ressalta a importância da apreciação estética na interpretação de mundo e do sujeito ao nosso redor. A narrativa, como elo entre o autor e o leitor, torna-se um meio de conexão e reflexão da experiência humana. Ao escrever crônicas, encontramos os reflexos de nós mesmos, da sociedade e exploração da narrativa como expressão vital da condição humana.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Histórias desde la soledad y otras narraciones*. Trad. Ariel Magnús. Extraterritorial: Buenos Aires, 2013.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: obras escolhidas. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Fala realizada na reunião do grupo de pesquisa "Espaço, Sujeito e Existência, Dona Alzira"* (Informação verbal), 2023.

MARQUES, Aline de Fatima. *O caminho de Maria Sozinha*. Coluna Opinião, 21 fev. 2022. Multiplicadores de Visat, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opinio>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MARQUES, Aline de Fatima. *PAKATO*. Coluna Opinião, 24 out. 2022. Multiplicadores de Visat, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opinio>. Acesso em: 27 fev. 2024.

VYGOTSKY, L. *Psicologia pedagógica*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Contato com o autor: ma.alinemarques@gmail.com

Recebido em: 03/03/2024

Aprovado em: 13/08/2024

ⁱ Fala mencionada pelo Professor Titular Dr. Eguimar Felício Chaveiro (UFG), no ano de 2023, em reunião do grupo de Estudos e Pesquisa "Espaço, Sujeito e Existência, 'Dona Alzira'", como Informação verbal.